



H. Malagutti, *Perfil de moça* (1906) col. part.

sário, antes, entender o próprio Simbolismo brasileiro, e estar a par dos costumes e hábitos, não raro extravagantes, de seus principais expoentes, em seu horror à banalidade, em sua eterna impotência diante do lado prático da vida, em seu dandismo de trajes e atitudes, em seu aristocracismo intelectual e artístico, em sua sede insaciável de uísque e de vermute...

Bibl.: C. Gill, Rubem: "O Século Boêmio — XLI Malagutti", *Dom Casmurro*, 18 ago. 1943.

MALFATTI, Anita Catarina (1889-1964). Nascida e falecida em São Paulo. De pai italiano e mãe norte-americana, foi levada aos três anos à Itália, a fim de se submeter a uma intervenção cirúrgica no braço e na mão direitos, congenitamente atrofiados. Retornando ao Brasil praticamente sem melhoras, adestraria mais tarde a mão esquerda e, formando-se em 1908 pelo Mackenzie, começaria a lecionar, ajudando a mãe que, enviuvando, dava aulas de Idiomas e Pintura.

Sua primeira mestra de pintura foi aliás a mãe, por volta de 1907. Poucos anos mais tarde, com a ajuda financeira de um tio e padrinho, embarcou para a Alemanha, a fim de estudar seriamente arte. Em setembro de 1910, em Berlim, ingressava no ateliê de Fritz Burger, e no ano seguinte achava-se matriculada na Academia Real de Belas Artes.

Em 1912, visitando a IV Sonderbund — uma exposição coletiva de arte de vanguarda — teve a revelação da arte moderna, através de originais de Cézanne, Gauguin, Van Gogh, Matisse e Picasso, entre outros. Pela mesma época passou a estudar com Lovis Corinth e com Bischoff-Culm, iniciando-se também na técnica da gravura em metal. Anos mais tarde, evocando seus começos na Alemanha, Anita afirmaria, entre outras coisas:

— Em Berlim continuei a busca e comecei a desenhar. Desenhei seis meses dia e noite. Um belo dia fui com uma colega ver uma grande exposição de pintura moderna. Eram quadros grandes. Havia emprego de quilos de tinta, e de todas as cores. Um jogo formidável. Uma confusão, um arrebatamento, cada acidente de forma pintado com todas as cores. O artista não havia tomado tempo para misturar as cores, o que para mim foi uma revelação e minha primeira descoberta. Pensei: o artista está certo. A luz do sol é composta de três cores primárias e quatro derivadas. Os objetos se acusam só quando saem da sombra, isto é, quando envolvidos na luz. Tudo é resultado da luz que os acusa, participando de todas as cores. Comecei a ver tudo acusado por todas as cores. Nada neste mundo é incolor ou sem luz. Procurei o homem de todas as cores, Lovis Corinth, e dentro de uma semana comecei a trabalhar na aula desse professor.

Após uma breve passagem por Paris, Malfatti regressou em 1914 ao Brasil, realizando nesse mesmo ano sua primeira individual, em São Paulo. Foi acolhida com simpatia paternalista por Nestor Rangel Pestana, que fazia a crítica de arte em *O Estado de São Paulo*:

— É incontestável que a Srta. Malfatti possui um belo talento; os seus estudos

têm uma espontaneidade, um vigor de expressão e uma largueza de execução, de que só dispõem os temperamentos verdadeiramente artísticos, nos quais o poder de síntese logo se revela nos menores estudos e esboços.

Pouco tempo depois da mostra, a pintora de novo embarcava — agora para Nova Iorque, matriculando-se na Art Students League. Ali se tornaria aluna de Homer Boss — "um grande filósofo incompreendido e que deixava os outros pintar à vontade" —, o qual durante o verão de 1915 a levaria, com o resto da turma, a pintar na Ilha de Monhegan. Até meados de 1916 Malfatti permaneceu em Nova Iorque realizando nessa cidade alguns dos quadros mais importantes de sua carreira: **O Japonês**, **Mulher de Cabelos Verdes**, **Homem Amarelo** e vários outros. Foi ainda nessa permanência que conheceu pessoalmente artistas como Juan Gris e Marcel Duchamp, Isadora Duncan e Leon Bakst, Máximo Gorki e Sergei Diaghilev.

Em meados de agosto de 1916 achava-se de novo em São Paulo. Em 1917 ainda participa do Salão Nacional de Belas Artes, mas em fins do mesmo ano, instada por Di Cavalcanti, abre uma exposição de seus trabalhos na Rua Líbero Badaró, número 111, em São Paulo. A mostra foi a princípio bem recebida, com quadros vendidos e algumas críticas compreensivas; mas a 20 de dezembro Monteiro Lobato, em *O Estado de São Paulo*, publicava o artigo "A propósito da Exposição Malfatti", no qual, em termos contundentes, fazia uma crítica reacionária à artista, classificando a arte que praticava como fruto ou da paranóia, ou da mistificação (V. PARANÓIA OU MISTIFICAÇÃO). A despeito de artigos favoráveis (como o de Oswald de Andrade, no *Jornal do Commercio* de 11 de janeiro de 1918) e do apoio dos amigos, Malfatti sentiu-se fundamente atingida pelo ataque de Lobato, chegando em 1919 a se matricular como aluna de Pedro Alexandrino, efetuando, assim, um recuo estético que bem demonstra sua insegurança. No importante estudo que consagrou à pintora, Marta Rossetti Batista assim se refere a essa fase penosa da carreira de Anita:

— A desestruturação de sua linguagem expressionista — fato que ainda hoje causa perplexidade na crítica — parece ter sido progressiva: os germes de desânimo que o meio começara a lhe inculcar no ano de 1916/1917 desenvolveram-se depois dos acontecimentos da exposição, atingindo, provavelmente em 1919 e 1920, seu ponto de maiores concessões. Para isso concorreram, sem dúvida, dois importantes fatores, que não podem ser separados: de um lado, a personalidade da pintora, suas condições emocionais muito particulares, mas de outro, o meio em que estava atuando, limitante, imobilista quanto à criatividade — o contrário dos ambientes efervescentes e liberadores nos quais tinha desenvolvido sua obra.

Ao participar do Salão Nacional de Belas Artes de 1919, Anita diz-se, no catálogo, "discípula das Escolas de Belas Artes da Europa, dos Estados Unidos e de Pedro Alexandrino": não poderia certamente dar prova mais concludente de desorientação artística. No entanto, foi pouco depois, no ateliê de Pedro Alexandrino, que travou conhecimento com Tarsila do Amaral, três anos mais velha do que ela, mas que dava início, na ocasião, à sua aprendizagem. Pode ter sido por influência de Tarsila que Anita passou a estudar com o pintor alemão Georg Fischer Elpons, em começos de 1920, numa atitude sintomática de que não mais a satisfiziam, então, os métodos acadêmicos do velho mestre das naturezas-mortas. Já na exposição realizada em São Paulo em fins de 1920, a artista parecia ter reencontrado parcialmente sua perdida personalidade, e colocado um ponto final à fase de concessões e de incertezas. Continuará porém estudando com Elpons até fins de 1921.

Em fevereiro de 1922, Malfatti era uma das expositoras da mostra de artes plásticas realizada no saguão do Teatro Municipal de São Paulo como parte integrante da Semana de Arte Moderna: expôs, na ocasião, nada menos de 20 obras — o que representa certamente uma homenagem dos organizadores àquela que já então era considerada a pioneira e a proto-mártir do Modernismo no Brasil. Eram doze telas à óleo e mais oito gravuras e desenhos, achando-se entre os óleos obras já conhecidas da mostra "maldita" de 1917, como **Estudante Russa**, **O Homem Amarelo**, **O Japonês**, **Mulher de Cabelos Verdes** ou **Ventania**; outras, porém, indicavam orientação mais recente, e mesmo apontavam para os desdobramentos futuros de sua produção (**Impressão Divisionista** por exemplo). Curiosamente, no próprio dia da inauguração da *Semana*, o Conselheiro Antonio Prado tudo fez para adquirir *O Homem Amarelo*, que Mário de Andrade comprara pouco antes, o que revela que — como escreveu num depoimento a própria artista — "a plantinha havia vingado".

Em junho de 1922 Anita Malfatti passou a integrar o efêmero Grupo dos Cinco (V.), ao lado de Tarsila (recém-chegada da Europa) e dos escritores Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. O ateliê de Tarsila na Rua Vitória, local de reunião habitual do Grupo dos Cinco, era um ponto de convergência modernista em São Paulo, tendo chegado a merecer visitas do todo-poderoso Senador Freitas Vale. Foi aliás durante uma visita à célebre Vila Kyrial (V.), residência do senador em Vila Mariana, que Anita recebeu a notícia, dada solenemente pelo anfitrião, de que acabara de ser contemplada com o pensionato artístico do Estado de São Paulo — uma bolsa de estudos na Europa que solicitava desde 1914...

Em agosto de 1923 Anita Malfatti outra vez seguia para a Europa, fixando-se em Paris para longa temporada de cinco anos. No início da permanência, tornou-se por pouco tempo aluna de Maurice Denis, freqüentando também cursos livres de arte, academias e ateliês diversos, conforme explicou anos mais tarde:

— Os nome em evidência eram, então, o do francês Derain, o espanhol Picasso, e alguns outros como o russo (*sic*) Vlaminck, os franceses Marquet e Matisse. Não recebi influência de nenhum desses grandes nomes, embora nos dois primeiros anos de minha permanência em Paris eu fosse apenas uma colegial... É o que

A. Malfatti. Desenho representando o Grupo dos Cinco: Mário de Andrade, e Tarsila ao piano, Menotti del Picchia e Oswald de Andrade no chão, conversando, e a própria Malfatti deitada num sofá (1922, 26,5x36,5) IEB-USP



eu fui, pois precisava inteirar-me de tudo quanto acontecia ali. Frequentei as academias de cursos livres, visitei os ateliês, rebusquei nos salões o que se fazia de mais avançado... E, depois, mantive-me independente dentro do movimento da época. Aprofundei-me nos primitivos, aproveitei a sua técnica, a sua maneira simples e fortemente característica. Nesses dois primeiros anos de procura nem sei o que fiz... Sou muito curiosa e daí a minha peregrinação exaustiva pela grande cidade, à procura do que ver, do que aprender. Ver, distinguir... Eu escolhia rigorosamente: se havia algo aproveitável, aproveitava; se não havia passava adiante levando a experiência que falhava.

No decurso dessa estada parisiense, Anita participou do Salão de Outono em 1924, 1925 e 1927, e do Salão dos Independentes em 1926, tendo também realizado, nesse mesmo ano, uma individual na pequena Galerie André. De um modo geral, a crítica manifestou-se favoravelmente em todas essas ocasiões, se bem colocasse os desenhos acima das pinturas — nas quais se observava, ainda, uma certa falta de unidade.

Em setembro de 1928 a pintora regressava a São Paulo, realizando em fevereiro de 1929 uma individual dos trabalhos produzidos na Europa. Retomando em seguida suas atividades de professora de Desenho na Escola Normal Americana e na Escola Normal do Mackenzie College, organizou em fins da década de 1930 uma exposição de trabalhos de seus pequenos alunos que bem pode ter sido a primeira de arte infantil efetuada no Brasil. Posteriormente participaria do Salão Revolucionário (V.), em 1931, e enveredaria por uma trilha inquietante — a retomada do enfoque por assim dizer acadêmico, com ênfase nos recursos de perspectiva, correção anatômica e fidelidade linear, apelando para o claro-escuro e para o colorido atmosférico (*Torreando Café*, Salão de 1931; *Caboclo*, Salão Paulista de 1934: duas telas que, conforme Marta Rossetti Batista “mostram, nestes anos, a coexistência em Anita Malfatti da moderna e da acadêmica”). A artista tinha, ela mesma, consciência de sua dispersão, e numa entrevista de 1931, referindo-se aos primórdios de sua carreira, não deixou de afirmar, com certa melancolia:

— Foi a fase trágica da minha carreira artística, não deixando de ser um dos melhores períodos da minha vida. Foi nesse período que consegui a minha verdadeira expressão de arte.

Em 1932 esteve entre as 39 personalidades da vida artística de São Paulo que criaram a SPAM, Sociedade Pro-Arte Moderna (V.), tendo participado, no ano seguinte, da decoração do Carnaval na Cidade de Spam, bem como da I Exposição de Arte Moderna da SPAM. A partir de 1934, e pelos próximos três anos, enviou também quadros para o Salão Paulista de Belas Artes, de orientação acadêmica, se bem que do primeiro (justamente em 1934) tivessem tomado parte, além de Anita, artistas de orientação moderna, como Tarsila, Volpi, Flávio de Carvalho, Guignard e Bonadei. Após 1937, passou a expor nos salões anuais do Sindicato dos Artistas Plásticos, então criado. Em setembro de 1933 começou a lecionar na Associação Cívica Feminina a um grupo de senhoras e senhoritas, para logo depois, abandonando a Associação, passar a ensinar Desenho e Pintura no ateliê de sua casa da Rua Ceará, o que faria pelos próximos vinte anos, tendo sido discípulos seus, entre outros, Sofia Tassinari, Oswald de Andrade Filho, Flávio Mota e Anésia Pacheco Chaves. Na década de 1930 Anita fez muitos retratos e quadros de flores, além de dar início às suas “tabuinhas”, pequenas pinturas a óleo sobre madeira que enfocavam episódios circenses, brincadeiras infantis, cenas caipiras e religiosas, etc.

Em 1935 e 1937 a pintora realizou duas individuais, a primeira em São Paulo, a outra no Rio, apresentando como “novidade”, na primeira delas... “as telas lembrando os afrescos de Pompéia e a orientação seguida pelos artistas do Quatrocento”. A mostra carioca — única em toda a sua carreira — teve lugar no Palace Hotel, e suscitou, por sua heterogeneidade, o seguinte comentário de um crítico:

— A Sra. Malfatti faz o viajante percorrer os séculos e os gêneros. É primitiva, clássica e moderna avançada, faz retratos e naturezas-mortas.

Tão logo encerrada a mostra do Rio de Janeiro, Malfatti participou da I Exposição do Grupo dos Artistas Plásticos da Família Artística Paulista. Voltaria a tomar parte nas outras duas mostras coletivas da Família, em maio de 1939, em São Paulo, e em setembro de 1940, no Rio de Janeiro. Em 1939 expôs também no III Salão de Maio, publicando, no respectivo catálogo, um depoimento sobre sua exposição de 1917. Em fins de 1940, com o falecimento de Alexandre de Albuquerque, tornou-se diretora do Sindicato dos Artistas Plásticos, colaborando a partir de então e por alguns anos na organização de vários salões da entidade.

Mais ou menos por essa época tem início a fase final da carreira da artista, marcada pela crescente influência do assunto brasileiro, tratado com humildade e sem sofisticadas, desinteressada como estava de todo pela problemática da “grande pintura”, e mesmo sem levar mais em conta a dualidade *arte moderna* e *arte acadêmica*. Em 1944, tomou parte em Belo Horizonte na Exposição de Arte Moderna, sendo homenageada na capital. Visitou, na ocasião, Ouro Preto, Mariana e Congonhas do Campo, fixando a paisagem mineira em algumas telas e tabuinhas. Do encontro com o Brasil interiorano continuavam a lhe brotar as festas populares, as procissões e outros temas caipiras ou regionais — abundantes em sua mostra individual de 1945, no Instituto dos Arquitetos de São Paulo, lado a lado com retratos, pinturas realizadas na França na década de 1920 e as telas históricas da década de 1910, pintadas nos Estados Unidos da América.

Em 1949 tinha lugar, no Museu de Arte de São Paulo, a primeira retrospectiva de Anita Malfatti, que apresentava numa sala as obras antigas, e na segunda obras recentes da artista. A crítica não deixou de observar que, se aquelas pinturas de começos da carreira denunciavam uma personalidade forte e original, as mais recentes refletiam sem dúvida uma Anita “acomodada e serena diante de um nacional meigo que ela interpreta num contínuo movimento pasmado. Pasmadas são suas casas adormecidas de Itanhaém e suas crianças ao redor do coreto ou de beira de estrada. É uma espécie de Brasil de recorte de janela de trem, esse que sente a pintora. Um Brasil com alguns traços a um tempo ingênuos e desesperados de ex-votos”.

Em 1951 Anita participou do I Salão Paulista de Arte Moderna e da I Bienal de São Paulo, fazendo-o sem qualquer distinção ou regalia, antes submetendo humildemente seu envio ao corpo de jurados: para o Salão foram obras recentes, e para a Bienal, três telas das realizadas em 1915/6 nos Estados Unidos: *Mulher dos Cabelos Verdes*, *A Boba* e *O Farol*. Numa conferência realizada na Pinacoteca do Estado, no mesmo ano, a pintora rememorou os inícios de sua carreira, depoimento ainda hoje básico para o conhecimento de seu mundo de idéias. Retirando-se para uma chácara em Diadema pouco depois do falecimento da mãe, em 1952, Anita aprofundaria ainda mais seus estudos da Ciência Cristã, afastando-se gradativamente da pintura, embora ainda realizasse mostras individuais em 1955, no Museu de Arte de São Paulo, e em 1957 (desenhos), no Clubinho dos Artistas. Sua atitude perante a arte e perante a vida podem bem ser aquilatadas por esse trecho de uma singela *Carta para Mário de Andrade — Caminho do Céu — Estrada da Saudade*, que publicou num jornal por ocasião da passagem do 10º aniversário da morte do grande escritor:

— Eu moro longe de São Paulo, tomo conta do meu jardim, arranco o mato e planto as flores e as árvores, rego quando posso, arrumo a casa e pinto as festinhas do nosso povo que dão alegria ao coração da gente simples. O grandioso e o majestoso, assim como a glória e o mágico sucesso me deixam calada, triste, mas as coisas fáceis de pintar, simples de se compreender, onde mora a ternura e o amor do nosso povo, isto me consola, isto me comove.

E mais adiante:

304

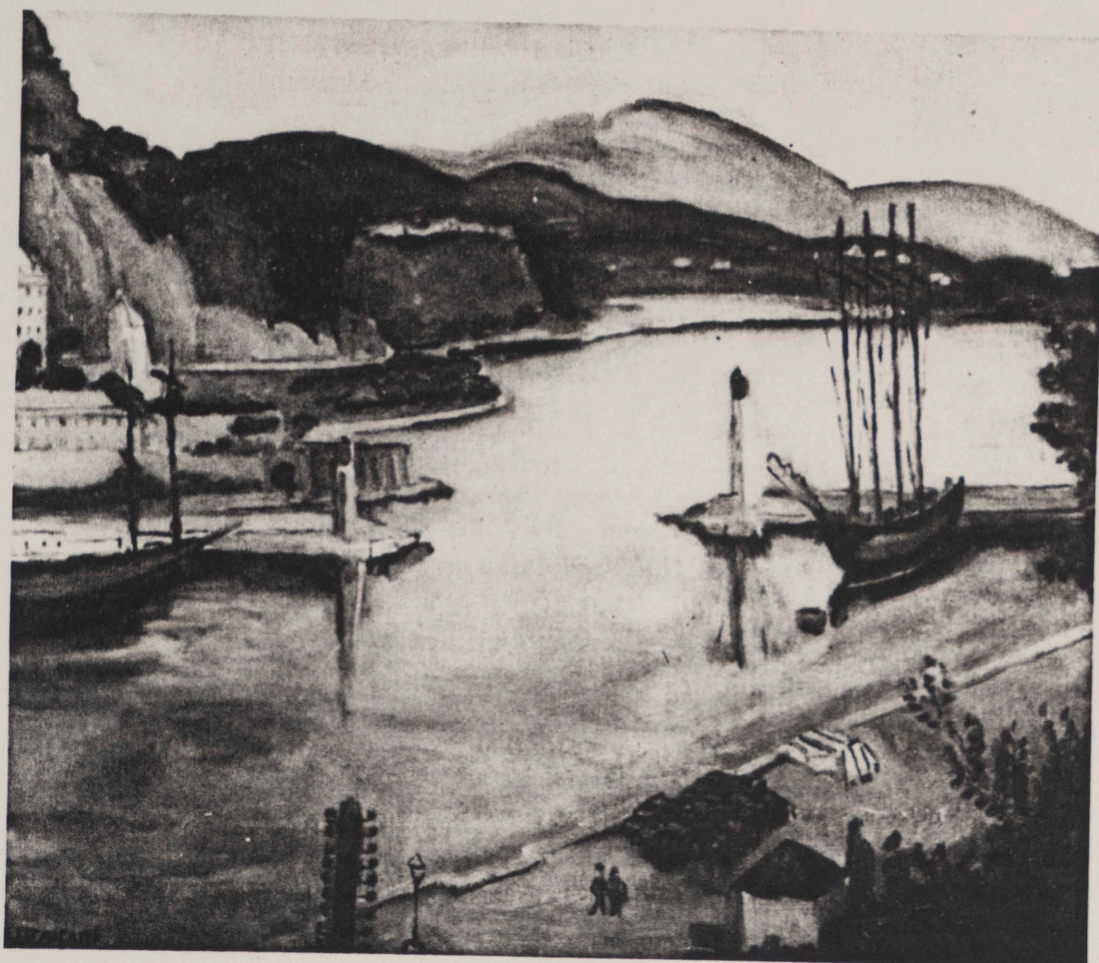


— Tenho medo de ter desapontado a você. Quando se espera tanto de um amigo, este fica assustado, pois sabe que por nós mesmos nada podemos fazer e ficamos querendo, querendo ser grandes artistas e tristes de ficarmos aquém da expectativa. Procurei todas as técnicas e voltei à simplicidade, diretamente: não sou mais moderna nem antiga, mas escrevo e pinto o que me encanta...

Anita Malfatti faleceu a 6 de novembro de 1964, após ter recebido, no ano anterior, duas merecidas homenagens: uma exposição na Casa do Artista Plástico, e uma sala especial na VII Bienal de São Paulo, integrada por 39 obras e com texto introdutório, no catálogo, do crítico Paulo Mendes de Almeida.

Bibl.: A. Batista, Marta Rossetti: *Anita Malfatti no Tempo e no Espaço*. São Paulo, 1985; B. Almeida, Paulo Mendes de: *De Anita ao Museu*. São Paulo, 1976,

p. 9-27; Amaral, Aracy A.: *Artes Plásticas na Semana de 22*. São Paulo, 1976, p. 171-4; Kawall, Luiz Ernesto Machado: *Artes Reportagem*. São Paulo, 1972, p. 24-7; Silva Brito, Mário da: *História do Modernismo Brasileiro — I / Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro, 1958, p. 40-72; Malfatti, Anita: *A Chegada da Arte Moderna no Brasil*. São Paulo, 1951; C. Andrade, Mário de: "Anita Malfatti". *A Manhã*, São Paulo, 31 jul. 1926; Malfatti, Anita: "1917". *RASM*, n.º 1, São Paulo, 1939; Monteiro Lobato, José Bento: "A Propósito da Exposição Malfatti". *O Estado de São Paulo*, 20 dez. 1917; Picchia, Menotti del: "Anita Malfatti". *Correio Paulistano*, 20 fev. 1929; D. Catálogo da Exposição Retrospectiva de Anita Malfatti no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977. (Textos de Marta Rossetti Batista e outros).



A. Malfatti. Acima, esq: *Mulher de cabelos verdes* (1915-16, 61x51) col. part.; dir: *Uma estudante* (circa 1920, 78x62) MASP.
Abaixo: *Porto de Mônaco* (1927, 54x64,5) MAC/USP